

## Conclusão

Gostaria de concluir essas observações de forma a tentar resumidamente dimensionar, no contexto da cidade, as características e relevância da atuação da família Guinle no campo particular da arquitetura.

É por todos sabido que a perenidade das obras de arquitetura do passado foi possível graças a solidez — a *firmitas* vitruviana —, que por sua dimensão e agregação material suportaram o uso, em primeiro lugar, os maus tratos e descaso humanos, os saque insidiosos, as guerras, a ação inclemente e corruptora do tempo, mantendo-se quase inexplicavelmente de pé e íntegras, nos limites possíveis do termo. Aí estão os exemplos clássicos desta perenidade, o Parthenon, os templos de Paestum, o Panteão e o Coliseu romanos, Santa Sofia de Istambul, as muitas catedrais góticas, Siena e o mais que se queira evocar, patrimônios elegidos da humanidade que com sua presença física oferecem estabilidade ao relato histórico, o lastreiam com a crua materialidade de seus fatos expostos ao tempo. Com o Rio não foi diferente: aí estão o aqueduto da Lapa — nosso passado *romano* — os mosteiros seis-setecentistas e as duas fortalezas que lhe guarnecem a entrada da magnífica Baía de Guanabara, Santa Cruz e São João, as obras mais antigas, anteriores à sua elevação à capital, que garantem parte da sua integridade histórica.

Ao longo da história, ao lado da organização institucional das cidades e das obras públicas resultantes desta organização foram as grandes famílias, patriarcais e aristocráticas a um tempo e dos burgueses e capitalistas na era moderna, as responsáveis pela edificação de obras arquitetônicas que contribuíram decisivamente na consolidação da forma e imagem das cidades e que consoantes, definiam a natureza, o alcance e a dimensão *civilizadora* de sua própria ação. Foi assim desde as origens, nas cidades italianas ressurgidas no trezentos e no renascimento, na era barroca, no surto romântico, nas monumentais transformações urbanas da segunda metade do oitocentos, cada cidade consubstanciada por um determinado grau de organização social e civil, de expressão plástica, de estágio material.

Na história da arquitetura moderna — mas o fato é reiterado desde a antiguidade clássica — as grandes riquezas particulares, familiares, utilizaram-na como manifestação de poder e ostentação da riqueza patrimonial. Não se pouparam

recursos nesta *representação*, que funcionava e ainda funciona, como afirmação legitimadora, em última instância, do grau de poder alcançado. Boa parte da história da arquitetura se debruça sobre o conteúdo desta atuação e afirmação particular, e aí estão o palácio Guel ou o Stoclet, a Vila de Garches ou a Casa da Cascata que confirmam a assertiva.

Deste ângulo, seria interessante observar que diferentemente dos procedimentos comuns às iniciativas da família patriarcal tradicional, ou mesmo a setores da burguesia moderna que, em geral, afirmam seu *status* em obras de caráter particular, aqui, no caso dos Guinle, estamos diante de um fenômeno de diversa latitude na medida em que sua atuação foi no sentido de uma multiplicação de interesses, que resultaram numa ação de modernidade afirmada, seja na dinâmica dos empreendimentos comerciais, como nas obras arquitetônicas que lhes deram suporte e legibilidade. Temos como exemplo o conjunto eclético da Av. Rio Branco que, construído quando o ecletismo significou *moderno* em relação aos padrões anteriores ainda associados ao regime Imperial, afirmava com nitidez sua expressa condição de *símbolo* da nova era republicana, como de permeio, a independência e operosidade das classes urbanas emergentes.

A fulminante acumulação de capital gerada por uma combinação de fatores aqui já mencionados, fez com que Eduardo Palassin Guinle se tornasse em poucos anos um dos mais bem sucedidos empresários brasileiros. Consolidado o empreendimento do Porto de Santos, diversificados os investimentos em outros setores da então insípida realidade industrial e de serviços do país, voltou-se Eduardo também para o usufruto fundiário urbano, lugar tradicional, desde da velha Roma, de investimentos rentáveis. Da sua atuação direta neste campo resultou um grande hotel, um teatro, duas sedes para suas empresas e três outros prédios para renda, todos na Av. Central recém inaugurada, na primeira década do novecentos. Falecido em 1912 coube aos filhos tocar no patrimônio consolidado, o desdobrarem, e levando-se em conta que cada um deles tinha uma personalidade e interesse, a atuação frente ao legado foi desigual, mantendo-se, entretanto a estrutura central dos negócios, a administração, permanentemente transformada e dinamizada da concessão do Porto de Santos, agora dividida com a criação do Banco Boavista. Os investimentos imobiliários permaneceram na linha de frente dos interesses dos irmãos e cada um ao seu modo edificou, direta, ou indiretamente — como no caso de Arnaldo Guinle e a sede do Fluminense Futebol Clube — obras de maior ou menor importância no conjunto arquitetônico da cidade. As de maior relevância foram apresentadas ao longo deste trabalho e estão publicamente

reconhecidas como monumentos históricos da cidade, seis ao todo, às quais não podemos deixar de somar, o pequeno Parque Hotel de Friburgo, igualmente protegido pelo Iphan.<sup>146</sup> O que nos parece extraordinário é que as obras de *menor* relevância, entendidas aqui como simplesmente contrapostas às protegidas pelos diversos órgãos do patrimônio histórico, são de alta qualidade arquitetônica, todas, com a praxe da única exceção feita ao edifício da Praia do Flamengo, nº284, arroladas como arquiteturas de destaque no inventário do acervo arquitetônico da cidade realizado pela prefeitura do Rio, em 2000, na gestão do arquiteto-prefeito Luis Paulo Conde, inventário aqui reiteradamente citado.<sup>147</sup>

No campo da arquitetura, se comparado à própria cidade do Rio ou mesmo a qualquer outra do país, não temos notícia de nenhuma família que cumprisse semelhante desempenho, seja pela quantidade, qualidade e consistência, em alguns casos excelência, chancelada pelo número expressivo de obras tombadas. Outra observação que de certo modo esclarece a natureza da atuação da família Guinle é que a excelência das obras não se prende a uma época, ou estilo determinado como é demonstrado no conjunto arquitetônico do Parque Guinle. Ou ainda entrever um prumo na atuação da família, denunciado, mesmo que a revelia, pelo tombamento de obras que tocaram ao pai ao filho e ao neto, como de fato se deu, ao longo da primeira metade do novecentos.<sup>148</sup>

Por outro lado a diversidade tipológica do conjunto arquitetônico também aponta para outra característica da operosidade dos Guinle, na medida que ao lado do desejo *cliché* burguês de construir a casa dos sonhos e ao mesmo tempo a mais *representativa*, desejo no caso efetivamente exercido, os Guinle puseram em pé dois importantes hotéis da cidade, um deles ainda o mais conhecido e famoso internacionalmente dos hotéis brasileiros, sem falar no Esplanada de São Paulo, fora do âmbito carioca mas igualmente importante, um hospital modelar, três sedes de empresas do próprio grupo empresarial — a sede das Docas de Santos, da Guinle & Cia e da Companhia Brasileira de Energia Elétrica e a do Banco Boavista —, um teatro que mesmo cercado da melhor atenção e interesse foi por fim

<sup>146</sup> Em ordem cronológica, por antigüidade, o edifício sede das Docas de Santos, O Palácio Laranjeiras, O Copacabana Palace, a residência e jardins na Ilha de Brocoió, o edifício sede do Banco Boavista e os três edifícios de Lúcio Costa no Parque Guinle.

<sup>147</sup> *Ib.*, 135.

<sup>148</sup> No caso, o edifício sede das Docas de Santos, o Palácio Laranjeiras e os edifícios Bristol, Caledonia e Nova Cintra, construídos respectivamente por Eduardo Palassin Guinle, por seu filho Eduardo Guinle e por Eduardo e César Guinle, filhos de Eduardo Guinle.

tragado, inclusive por erros de concepção projetual, ao lado de um conjunto de edifícios residenciais de qualidade acima da média, alguns de excepcional valor arquitetônico. Os hotéis da família inclusive, o Palace Hotel — à parte o Esplanada em São Paulo — e o Copacabana Palace tiveram, e no caso do Copacabana Palace ainda tem, marcante presença na vida social e cultural do Rio, o que os diferencia e destaca na história social da cidade e não por acaso, mas antes, por revelar uma intenção de princípio que fazia da atividade comercial algo mais distendido e integral, que intencionalmente demandava a excelência dos serviços, a qualidade e formação da mão de obra empregada, a contratação de profissionais capazes de organizar os serviços de alto nível requeridos por um hotel da natureza que Otávio Guinle imaginou, e que de fato realizou.

Podemos ainda afirmar que os empreendimentos arquitetônicos da família, na cidade, são motivo de orgulho por parte dos seus cidadãos, que os reconhecem e admiram tanto por suas qualidades próprias, mas também por seu valor simbólico, na medida em que refletem, seja uma afirmação empreendedora concreta como, talvez ainda mais importante, a capacidade de criar sua própria mitologia arquitetônica, seus exemplos referenciais, e com eles sua identidade visual, seus parâmetros de cultura, num contexto problemático como o do Rio, onde o ambiente geográfico é avassalador.

Por fim, em relação aos procedimentos internos à dissertação, parte do que foi abordado aqui é passado, e “*o passado está além do nosso alcance*”. Mas como “*somente o passado residualmente preservado no presente é cognoscível*”,<sup>149</sup> nosso trabalho tratou de apresentar alguns resíduos deste passado, notadamente no 2º capítulo, quando enfrentamos o *colapso histórico* do Palace Hotel e do edifício sede da Guinle & Cia., marcos fundamentais da arquitetura eclética da cidade, colaborando modestamente para a sua permanência, já que “*todas as coisas tendem a se apagar e perdem os detalhes quando são esquecidas.*”<sup>150</sup>

---

<sup>149</sup> Ib., 3, pág. 113.

<sup>150</sup> Ib., 3, pág. 80. Neste caso Lowenthal está citando um trecho do romance de Borges *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius*.